Revisitando o *quebra-quebra*: um exercício de análise dos sintagmas reduplicativos do português brasileiro

Janayna Carvalho[1]

janaynacarvalho@gmail.com

Resumo: Neste texto, revisitamos a análise para sintagmas como *quebra-quebra* de Carvalho; Rodero-Takahira (2015), reanalisando a repetição da base nesses dados. No presente trabalho, esta repetição é vista como fruto do próprio mecanismo da reduplicação. Em Carvalho e Rodero-Takahira (2015), sintagmas como *quebra-quebra* eram vistos como compostos, análise que não explica muitas de suas características, como a leitura de eventos concomitantes que não pode ser gerada somente por relações sintáticas entre os membros do composto. Essa mudança de análise nos leva à pesquisa de qual elemento é reduplicado nessas formações. Assumimos que o verbo é o foco da reduplicação, o que explica a restrição bastante específica de tipo de verbos que encontramos. Também discutimos outras análises como a de Thorton (2008, 2009) para dados similares em italiano, para quem os sintagmas são um fenômeno derivacional. Mantemos, contudo, que os dados do PB (e, por extensão, do italiano) envolvem um mecanismo sintático de reduplicação. Com base em outros estudos sobre o tema, assumimos que há uma projeção de aspecto que atrai uma cópia verbal. Dessa forma, o sintagma reduplicativo é formado a partir da linearização de duas cópias do verbo, a movida, que se funde pós-sintaticamente ao núcleo do sintagma reduplicativo, e a que fica in-situ. As duas cópias são realizadas porque elas não são vistas como idênticas pela gramática, já que a movida está fundida com o morfema reduplicativo pós-sintaticamente.
Palavras-chave: reduplicação; sintagmas *quebra-quebra*; português brasileiro.

Abstract: In this work, we revisit our 2015 analysis of phrases such as *quebra-quebra* (lit. *break-break*), reanalyzing them as reduplicative phrases in this work. In our previous work, such phrases were analyzed as compounds, which cannot explain some of their characteristics, such as the reading of multiple co-occurring events. Such reading cannot be generated by the traditional syntactic relations between the members of a compound. This analytical change led us to research what is the reduplicated element in these phrases. We assume that the verb is the reduplicated element, which explains the very specific restrictions regarding the type of verbs we find in these data. We also discuss alternative analyses to similar data, such as Thorton's (2009) analysis for similar phrases in Italian. The author assumes that such phrases in Italian stand in a derivational relation with a base form. Based on other studies about reduplication, we assume that an aspectual phrase attracts one copy of the verb. Hence, the reduplicative phrase is formed from the linearization of two copies, the moved one and the one *in situ*. They are not viewed as identical by the grammar, since the moved one is fusioned with the reduplicative morpheme.
Keywords: reduplication; *quebra-quebra* phrases; Brazilian Portuguese.

[1] Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora Adjunta (atualmente C-III) na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG.

Introdução

Neste texto, nosso interesse reside em explorar a formação de sintagmas nominais como os grifados em (1). Nós os chamaremos de sintagmas nominais reduplicativos ou sintagmas reduplicativos ao longo do trabalho.

(1) a. Houve **um quebra-quebra** geral na estação.
b. Helena já começou o **limpa-limpa**.
c. O **corta-corta** já começou.
d. O **rasga-rasga** de livros na escadaria do teatro ajuda a explicar o projeto do movimento e as razões do seu naufrágio. (https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/04/mostras-resgatam-historia-de-um-grupo-que-radicalizou-poesia.html, acesso em 16/01/2026).
e. O **abre-abre das portas incomodou o João.**
f. O termo **"cai-cai"** pode soar curioso, mas sua história está profundamente ligada aos desafios enfrentados por aqueles que buscam residência permanente nos Estados Unidos. (https://bracklaw.com.br/afinal-o-que-e-o-famoso-cai-cai/, acesso em 04/09/2025)

Como essa pequena lista de exemplos mostra, essas formações são bastante comuns na língua portuguesa. Alguns exemplos são dicionarizados, como *quebra-quebra*, mas há casos novos surgindo, como a discussão em torno da expressão *cai-cai,* em (1f), deixa claro. De uma forma geral, os significados dessas expressões são inteiramente composicionais, ou seja, podem ser depreendidos dos significados dos itens lexicais que os compõem, em uma acepção literal, metonímica ou metafórica.

A leitura literal se faz clara: houve vários eventos de quebra que, por acontecerem simultaneamente, reúnem-se em um grande evento. A leitura metonímica não se distingue muito dessa. Nessa leitura, houve uma confusão que teve, como uma de suas características, a quebra indeterminada de objetos. Na leitura metafórica, o significado de *quebra* é metafórico. Por exemplo, as pessoas discutiram muito e essa briga verbal é interpretada como análoga a um quebra-quebra físico. Todas essas leituras guardam uma semelhança entre si, que é a de conceber os eventos de quebra – sejam eles literais, metafóricos ou metonímicos – como coocorrentes e, portanto, todos esses pequenos eventos fazem parte de um grande evento. Em outras palavras, o evento de *quebra-*

quebra pode ser visto como a soma de vários eventos de *quebra*. Podemos dizer que o mesmo se aplica aos outros dados em (1).

Essas pequenas diferenças de leitura em *quebra-quebra* são encontradas nas suas definições em dicionário. O Aulete, por exemplo, traz as seguintes definições: "Arruaça com depredação de imóveis públicos e privados. Briga ou conflito envolvendo várias pessoas."[2] Além dessas definições para *quebra-quebra*, o Aulete também traz a seguinte definição: "Certo tipo de biscoito que se desfaz na boca." Esta definição está fora do escopo deste trabalho. Nesse caso, o fato de o biscoito se partir muito facilmente na boca no ato da mordida faz com que esse sintagma seja usado para designar o biscoito. Algo semelhante se observa em sintagmas como *pisca-pisca* (jogo de luzes usadas no Natal) e *bate-bate* (conjunto de carros em parques de diversão), entre outros.[3]

No presente trabalho, fizemos a opção analítica de não analisar esses casos em que o sintagma reduplicativo refere-se a uma entidade, muito embora nos pareça, à primeira vista, que a análise aqui delineada possa ser facilmente estendida para esses casos. Dessa forma, fizemos um recorte para os sintagmas eventivos, que são os ilustrados em (1a-f) acima. Para os sintagmas que possuem tanto uma leitura eventiva quanto de entidade (como *pisca-pisca*, *bate-bate* e *quebra-quebra*, entre outros), trataremos somente da leitura eventiva.

Neste trabalho, o nosso intuito primordial é entender os ingredientes desses sintagmas reduplicativos com leitura eventiva. De um ponto de vista empírico, pretendemos descrever quais são os formativos desses sintagmas, isto é, quais são os elementos lexicais e funcionais que formam esses sintagmas. Em menor grau, este trabalho discute o mecanismo de reduplicação em termos sintáticos.

Embora a presença de reduplicação nesses dados seja evidente, já que há repetição de material, o status teórico da reduplicação vai variar consideravelmente a depender da análise. Em uma análise anterior sobre o mesmo fenômeno (cf. Carvalho; Rodero-Takahira, 2015), não assumimos que houvesse um mecanismo formal de reduplicação nestes dados. Isto é, assumimos a reduplicação somente como um rótulo descritivo. Isso impediu que explicássemos (ou mesmo, notássemos) algumas características cruciais

[2] Acepções retiradas de: https://www.aulete.com.br/quebra-quebra. Acesso em: 06/01/2026, às 10h56min.
[3] Para uma análise desses sintagmas com leitura de entidade, veja-se Gonçalves e Vialli (2017).

desses dados, como veremos nas próximas seções. Discutir, portanto, o papel da reduplicação nesses dados leva, naturalmente, a uma questão teórica sobre como tratar, em uma perspectiva sintática, a reduplicação nesses sintagmas.

Tendo em vista nossos objetivos empíricos e teóricos, este artigo está organizado da seguinte forma. Na seção 1, discutimos uma definição de reduplicação e mostramos como ela se aplica aos dados deste estudo. Na seção 2, discutimos algumas propriedades dos sintagmas reduplicativos do português brasileiro (PB), levando em conta as pistas para a postulação de camadas funcionais nos sintagmas reduplicativos. Na seção 3, discutimos os elementos que engatilham a reduplicação, a partir de Carvalho e Rodero-Takahira (2015). Na seção 4, comparamos essa reduplicação com outros mecanismos de reduplicação presentes nas línguas, mostrando a similaridade que existe com dados do italiano. Propomos, no entanto, uma análise diferente daquela proposta por Thornton (2008, 2009) para os dados do italiano. Para a autora, os sintagmas reduplicativos do italiano (chamados por ela de nomes de ação) são um fenômeno derivacional. Finalmente, na seção 5, esboçamos, brevemente, como se dá a reduplicação nesses dados, seguindo outras propostas de reduplicação, como a de Franco e Lorusso (2026), a de Ghomeshi *et al.* (2004) e a de Kandybowicz (2007). A seção 6 conclui a discussão do artigo. A seção 7 traz palavras breves sobre a homenageada da edição.

1. **Uma definição de reduplicação**

Esta seção é dedicada a apresentar, de forma geral, os dados estudados, justificando por que eles serão tratados aqui como casos de reduplicação. Para que façamos isso, devemos, primeiramente, apresentar uma definição de reduplicação e comparar os fenômenos bem descritos como reduplicação com os dados em (1).

Dada a multiplicidade de mecanismos de reduplicação nas línguas, Moravcsik (1978: 300) apresenta uma formalização desse mecanismo por meio dos exemplos em (2). Os enunciados 1 e 2 representam enunciados relacionados. Mais particularmente, o enunciado 1 corresponde a uma forma simples e o enunciado 2, a uma forma reduplicada do enunciado 1. As letras A e B, nesses enunciados, representam o significado desses enunciados (seja ele qual for) e as letras X e Y sinalizam seus aspectos formais.

(2) Enunciado 1:.....A....=....X....
Enunciado 2:....B...=.....Y....

A e B, que representam os significados dos enunciados, guardam, entre si, uma sobreposição. Mais especificamente, B tem A como uma parte do seu significado. As letras X e Y, por sua vez, representam o polo formal da expressão. Para que o enunciado 2 seja considerado uma reduplicação do enunciado 1, deve haver também no polo formal uma relação entre X e Y. Mais especificamente, a expressão Y possui uma reduplicação total ou parcial do material fonético ou morfológico de X. Uma reduplicação total se obtém, por exemplo, se Y equivale, no plano fonológico, a duas instâncias de X. Já uma reduplicação parcial é obtida se Y possui, além de uma cópia integral da palavra X, material adicional que é parte de X, como um morfema ou uma sílaba contida na forma X.

Em suma, a representação dos enunciados em (2) formaliza esquematicamente as relações entre uma forma simples e sua forma reduplicada. Essas relações devem ser estabelecidas tanto na face formal da expressão (com cópia de material fonético e/ou morfológico) quanto na contraparte do conteúdo, em que o significado da expressão simples (A) faz parte do significado da expressão reduplicada (B). Como a autora salienta, essa definição de reduplicação exclui formas em que há repetição de material fonético sem uma mudança de significado. A definição de reduplicação, com base em (2), será nossa base para o exame de dados e será retomada algumas vezes no decorrer do artigo.

Se aplicarmos essa definição ao português, ficam excluídas do fenômeno palavras como *bombom*, em que não se pode afirmar que houve reduplicação da palavra *bom*, já que os significados de *bom* e *bombom* são diferentes (pelo menos do ponto de vista sincrônico) e não há, portanto, relação de inclusão entre eles. Seguimos aqui a perspectiva de Moravcsik, considerando, portanto, que tanto no polo formal quanto no polo do significado deve haver identidade pelo menos parcial entre a forma simples e a forma reduplicada.

Em (3), apresentamos alguns exemplos concretos de reduplicação de diferentes línguas, também extraídos de Moravcsik (1978: 301).

(3) a. He is very very bright. (inglês)

‘Ele é muito muito inteligente.’

b. ‘roarroarroar’ (mokilês)

‘Continua a tremer’

c. mamate (samoano) (*mate* - ele morreu)

‘Eles morreram.’

d. sakalikali (sundanês) (*sa* - negação)

‘Nem uma vez’

Esses casos exemplificam, de forma concreta, a formalização do mecanismo de reduplicação em (2). Os exemplos em (3) mostram tanto a reduplicação de palavras independentes, como *very*, em (3a), e (presumivelmente) *roar*, em (3b), quanto de morfemas ou sílabas, como em *ma-*, em (3c), e *kali*, em (3d).[4] Esses exemplos ilustram, portanto, as duas possibilidades aludidas para a reduplicação do polo formal em (2), com cópia integral ou parcial do material X, resultando em uma nova forma Y.

Do ponto de vista semântico, os significados associados à reduplicação são muito diferentes. Em (3a), a interpretação que a reduplicação de *very* traz é de que, em uma escala de inteligência, a pessoa em questão chega muito perto do ponto máximo. É uma interpretação, portanto, de intensificação. Em (3b), a reduplicação acontece com um verbo e obtém-se, nesse caso, uma leitura aspectual contínua. Isto é, o ato de *tremer* é contínuo. Em (3c), a reduplicação pluraliza os participantes do evento. Nesse caso, o confronto entre a forma com reduplicação e a forma sem reduplicação nos mostra que a reduplicação recai sobre os participantes do evento. Finalmente, em (3d) há uma leitura de intensificação negativa, por assim dizer, com um significado potencialmente semelhante a expressões como *nem um sequer* e *nem unzinho* em português.

Embora os significados sejam muito diferentes entre si, todos eles exemplificam estratégias consagradas de reduplicação nas línguas. Moravcsik cita alguns significados de expressões reduplicadas que são recorrentes em diferentes línguas, como ênfase, continuidade e aumento (do evento ou de seus participantes). (3a) e (3b) exemplificam,

[4] Dada a descrição presente em Moravcsik (1978), não é sempre possível saber se as partes menores do que uma palavra que estão no dado com reduplicação são somente sílabas ou se possuem estado morfêmico, isto é, se possuem um significado. De qualquer forma, o exemplo usado tem o objetivo de ilustrar a diversidade de elementos que podem ser reduplicados, desde palavras inteiras até elementos internos à palavra.

respectivamente, a ênfase e a continuidade. O exemplo em (3c) possui uma leitura também muito afeita à reduplicação, que é a de pluralização, e se encaixaria na categoria aumento de participantes. Finalmente, o exemplo em (3d) pode ser também categorizado como um caso de ênfase (mas, dessa vez, negativa).

Com esses critérios para diagnosticar a reduplicação, já podemos voltar aos dados do português brasileiro em (1), nosso foco neste trabalho, e discutir por que razão seriam exemplos de reduplicação com base na descrição dada.

Consideremos o dado em (1a), por exemplo. Do ponto de vista formal, a forma *quebra-quebra* é resultado da cópia total da forma *quebra*. Então, *quebra-quebra* é uma forma Y que contém duas instâncias integrais da forma X. Também é possível afirmar que há reduplicação do ponto de vista do significado, já que o significado de *quebra-quebra* contém o significado de *quebra*. Essa relação de continência pode ser expressa por um acarretamento: se há quebra-quebra, há, necessariamente, quebra. Moravcsik (1978) pondera que o significado de uma expressão reduplicada não é exatamente a soma das partes do elemento simples, mas que a relação de inclusão do significado da expressão simples pode ser mapeada, por exemplo, por uma relação de acarretamento. Para além da relação que *quebra-quebra* possui com *quebra*, o sintagma reduplicativo apresenta um dos significados característicos relacionados à reduplicação, qual seja, a de muitos eventos.

Cabe ressaltar que a presença de reduplicação nos sintagmas em estudo neste texto nunca foi negada em trabalhos anteriores. Todavia, o peso desse mecanismo variou muito nos trabalhos que já lidaram com esse fenômeno. Carvalho e Rodero-Takahira (2015) e Gonçalves e Vialli (2016) assumem que há composição nesses casos. Se esses dados são analisados como composição, o conceito de reduplicação é só um rótulo descritivo e fica, portanto, relegado a um segundo plano.

Ao contrário dos trabalhos anteriores, assumimos, neste trabalho, que há um mecanismo sintático de reduplicação responsável pela formação desses dados. Como anunciado na Introdução, um dos objetivos deste artigo, então, é examinar esse mecanismo e suas implicações para a formação desses sintagmas.

2. Camadas funcionais e constituição interna dos sintagmas reduplicativos

Tendo assumido que as ocorrências em (1) são instâncias de reduplicação, passamos, agora, a uma breve descrição, que será retomada oportunamente nas próximas seções.

Nos casos do PB em discussão, assumimos que haja duas operações importantes para a constituição desses sintagmas, quais sejam: a reduplicação do verbo quando sob um nó de aspecto sem morfologia específica e sua posterior categorização por um categorizador nominal.

Assumimos, ainda, levando em conta a Morfologia Distribuída, que a derivação sintática se inicia com a entrada de uma raiz na derivação sintática. As raízes são elementos atômicos acategoriais a partir dos quais se constroem as palavras. A categorização é, pois, uma das primeiras etapas da derivação sintática e, para alguns autores, é uma etapa primordial, como se vê no postulado em (4), traduzido de Embick e Marantz (2008):

(4) Postulado de categorização: raízes não podem aparecer sem categorização. Raízes são categorizadas pela combinação com núcleos funcionais que definem categoria. [5]

Embora haja bastante discussão sobre quais seriam as propriedades das raízes e que traços elas possuem, essa discussão não vai ser feita neste texto por não ser imprescindível para o nosso objetivo, que é de delimitar em linhas gerais como acontece a formação dos sintagmas reduplicativos.

Como boa parte da literatura, assumimos que as raízes não possuem fonologia e que possuem uma especificação semântica mínima. Inclusive, a postulação dessa especificação semântica mínima será crucial para investigar qual é o elemento reduplicado.

[5] No original: Categorization Assumption: Roots cannot appear without being categorized; Roots are categorized by combining with category-defining functional heads. (Embick & Marantz, 2008:6)

Em relação à categorização nos sintagmas reduplicativos, propriamente, podemos propor, em um primeiro momento, que haja dois categorizadores: v e n. Isso porque há uma leitura eventiva, que podemos atribuir a v, e claras marcas nominais, como o licenciamento de artigos antes dos sintagmas reduplicativos: **o** *quebra-quebra*.

Uma característica formal para a postulação de uma fase verbal nesses casos é a manutenção da vogal temática de uma forma verbal correlata flexionada. No caso, a forma reduplicada (forma Y, seguindo o esquema em (2)) é idêntica ao verbo na 3ª pessoa do singular do indicativo. Isso é representado nos dados em (5), em que a forma simples idêntica X é exibida em parênteses para comparação.

(5) a. Houve um quebra-quebra geral na estação. (quebra)
b. Helena já começou o limpa-limpa. (limpa)
c. O corta-corta já começou. (corta)
d. O rasga-rasga de livros.... (rasga)
e. O abre-abre... (abre)
f. O termo "cai-cai" .... (cai)

Levando em conta que há nomes como *corte*, em que a vogal final nominal não necessariamente coincide com a vogal final verbal, a coincidência de formas ilustradas em (5) é um indício forte de que os sintagmas reduplicativos sejam formados a partir de formas verbais (*corta*, para (5c)), não de formas nominais, como *corte*. Em um raciocínio análogo, o dado em (5a) poderia, à primeira vista, ter sido formado a partir do nome eventivo *quebra* ou do verbo *quebra(r)*, já que as vogais nominal e verbal que fecham a palavra são fonologicamente idênticas nesse caso. Apesar da coincidência fonológica entre formas verbais e nominais em alguns casos, há indícios concretos de que essas formações não vieram de nomes eventivos como *(a) quebra*. Em primeiro lugar, os sintagmas reduplicativos são todos acompanhados por determinantes masculinos (*o quebra-quebra, o corta-corta, o limpa-limpa...)*, enquanto nomes eventivos podem ser tanto femininos (*a quebra, a limpa*) quanto masculinos (*o rasgo, o corte*).

Como o leitor pode constatar, não é possível a reduplicação a partir de formas nominais eventivas. Formas como a *quebra-quebra*, o *corte-corte* e *a limpa-limpa* são todas agramaticais, seja pelo uso de artigos femininos, que mostram que a nominalização

feminina foi usada, seja pela vogal temática específica de alguns nomes, como *-e* em *corte*. Portanto, embora haja uma coincidência ou outra com a forma de nomes eventivos, a forma X (ver esquema em (2)) nos sintagmas reduplicativos vem da forma verbal.

Ainda, como um parecerista anônimo observa, parece haver mais estrutura nesses exemplos para além de um VP/vP, já que não é a vogal default de infinitivo que aparece nos exemplos relevantes. Tomemos o verbo *tossir* como exemplo. Não é a forma *tossi(r)-tossi(r)*, mas uma forma correspondente à 3ª pessoa do singular, em que a vogal final é *-e,* gerando *tosse-tosse*.

De fato, devemos assumir que, pelo menos, uma projeção de aspecto é necessária. Ao fazermos testes de licenciamento de adjetivos, conseguimos licenciar adjetivos que expressam habitualidade, como os exemplos em (6) mostram.

(6) a. O quebra-quebra rotineiro...
b. O corta-corta habitual...
c. O limpa-limpa de sempre...

Isso, somado à argumentação da página anterior de que há uma fase verbal nessas sentenças, nos leva a pensar que essa fase verbal se estende até uma projeção funcional de aspecto habitual. Embora a vogal presente nesse exemplo seja também compatível com a 3ª pessoa do singular do indicativo, não há tempo presente nesses sintagmas. Um modificador como *agora* em sentenças com um sintagma reduplicativo não incidirá sobre esse sintagma. Esse modificador invariavelmente recairá sobre o verbo da sentença, como em (7).

(7) O quebra-quebra dos vidros agora assusta a Maria.

Isso fica ainda mais claro quando inserimos um verbo em outro tempo e modo em uma sentença, como em (8), em que *agora* passa a ter a interpretação equivalente à do advérbio *recentemente*. Mais uma vez, a interpretação dada para *agora* é construída a partir da referência temporal do verbo. Isso fica claro na comparação entre (8) e (9) em que o modificador *agora* está indubitavelmente modificando o verbo.

(8) O quebra-quebra dos vidros agora assustou a Maria.
(9) Ela me assustou agora.

Essa caracterização dos sintagmas reduplicativos se coaduna com a visão unificada de reduplicação apresentada em Franco e Lorusso (2026). Para os autores, do ponto de vista sintático, a reduplicação é uma das estratégias morfossintáticas disponíveis para as línguas para marcar uma relação de inclusão. Isto é, sempre que houver reduplicação, haverá uma relação de inclusão.

Dessa forma, uma língua pode marcar o plural com um expediente morfossintático como *-s* e o nome que se junta a esse expediente morfossintático formando, por exemplo, *bananas*, que se refere a um conjunto de entidades de banana. Enquanto algumas línguas denotam pluralidade com um morfema, outras o fazem com reduplicação. Nos dois casos, temos uma relação de inclusão de entidades em um conjunto.

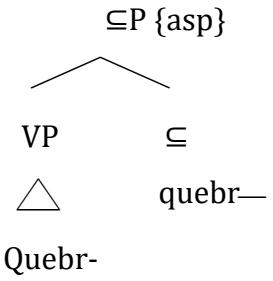
No domínio verbal, uma das manifestações dessa relação de inclusão é uma miríade de relações aspectuais. Nas relações aspectuais que são o nosso foco aqui, o evento denotado pelo verbo faz parte de um conjunto de eventos. O aspecto habitual é, portanto, uma dessas relações de inclusão no domínio verbal. Nas palavras dos autores: [6]

> Isso formaliza o aspecto habitual/iterativo [envolvido em reduplicações/ JC]: o verbo reduplicado força uma estrutura de evento plural, capturando que a ação acontece muitas vezes em um período estendido. Em contraste, um verbo não reduplicado estaria relacionado a um único e atômico evento. Em suma, a reduplicação verbal pode ser vista como uma forma de operador de inclusão de evento, consistente com a nossa proposta geral de que a reduplicação sinaliza uma interpretação não máxima (⊆). (Franco e Lorusso, 2026: 14, traduzido)

Na abordagem dos autores, quando há uma interpretação habitual em sentenças com reduplicação, a estrutura sintática é similar ao que se vê em (10):

[6] No original: “This formalizes the iterative/habitual aspect: the reduplicated verb forces a plural event structure, capturing that the action happens multiple times or over an extended period. By contrast, the base (non-reduplicated) verb would allow a single, atomic event. In sum, verbal reduplication can be seen as a kind of event-inclusion operator, consistent with the overall proposal that reduplication signals a non-maximal interpretation (⊆)”

(10)



Como os autores discutem, não há, nesse caso, dois itens lexicais (no nosso caso, dois itens correspondentes ao verbo *quebrar*). Para os autores, uma das formas aparece em decorrência do morfema reduplicativo que é lexicalizado como uma cópia VP. Discutiremos com mais vagar essa ideia na seção 6.

Esclarecido que a etapa verbal desse sintagma abrange um núcleo Asp, passamos à etapa nominal. A etapa nominal, que sucede a verbal, é evidente pelo comportamento morfossintático desses sintagmas reduplicativos, que são antecedidos por artigos e podem ser, em alguns casos, pluralizados com morfologia nominal, como em (11).[7]

[7] Araújo (2002:78) hipotetiza que a reduplicação ocorre tardiamente, após as regras morfofonêmicas. O autor argumenta em favor disso com base nos julgamentos das sentenças em (i) e (ii), que ele reporta, respectivamente, como bem-formada e como má-formada.

(i) O campeonato chegou na fase do mata-mata.
(ii) ?O campeonato chegou na fase dos mata-matas.

O dado em (11), no texto principal, já mostra que a combinação com o plural não é impossível, embora ela de fato não seja frequente.

Acreditamos que uma baixa tolerância ao plural venha dos contextos prototípicos em que se usam os sintagmas reduplicativos, em que há um grande evento com vários subeventos ocorrendo simultaneamente. A leitura plural vai ser malformada na maioria dos contextos em que usamos os sintagmas reduplicativos, porque não é comum que se usem esses sintagmas para falar de mais de um grande evento. Isto é, normalmente fala-se de um quebra-quebra ou de um mata-mata, não de vários. Isso explica a provável má-formação de (ii): em um campeonato, só há uma fase do mata-mata. Todavia, basta que um contexto favorável seja usado, como em (11), para que a pluralização seja possível. Por se tratar de uma Copa do Mundo, há mais de um jogo decisivo de eliminação, o que licencia a pluralização.

(iii) A Federação Internacional de Futebol divulgou neste sábado (6) horários e locais dos jogos dos mata-matas da Copa do Mundo de 2026.

(https://www.itatiaia.com.br/esportes/futebol/futebol-internacional/copa-do-mundo/copa-do-mundo-de-2026-veja-datas-horarios-e-locais-dos-mata-matas, acesso em 08 de dezembro de 2025)

Assim, não nos parece haver uma restrição formal para a pluralização desses sintagmas. Há, na verdade, contextos pragmáticos mais favoráveis para que eles apareçam no singular.

Um(a) parecerista anônimo(a) ainda hipotetiza " se o ponto aqui não é o uso de 'na fase do' antes de 'mata-mata' porque, de certa forma, boa parte dos mata-matas envolvem mais de um jogo: tanto o campeonato quanto a Copa do mundo apresentam a fase de mata-mata, na qual há vários jogos para decidir quem avança para a próxima fase." Sendo esse o caso, não seria uma restrição pragmática, mas efetivamente estrutural devido à presença da forma *a fase do*.

(11) "Sabemos que historicamente *os quebra-quebras* fizeram parte das lutas populares." (https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/mpl-diz-que-quebra-quebra-faz-parte-da-luta-popular-9puxt68leh4ouyjpljsn902tq/m acesso em 04 de setembro de 2025)

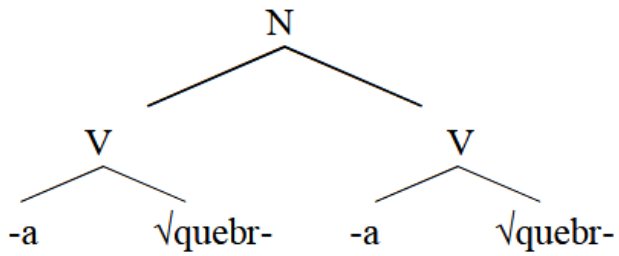
Esquematicamente, então, assumimos a seguinte estrutura para os sintagmas reduplicativos em que uma raiz é categorizada como um verbo, junta-se a uma projeção de Asp, e depois é categorizado como um nome.

(12) $[_{nP}$ n[Asp $[_{vP}$ v √pega]]]

Apesar de já termos delineado, em linhas gerais, as etapas de formação desses sintagmas, é necessário esmiuçar algumas das características de sua formação. Por exemplo, a estrutura em (12) não detalha em que ponto ocorre a reduplicação, somente detalha quais foram as categorizações desse sintagma e em que ordem elas ocorreram.

É preciso salientar que a presença de categorizadores nominais e verbais já estava em nossa abordagem anterior desses sintagmas, que analisava essas formações como compostos. Como visto em (13), a estrutura de *quebra-quebra* possuía, para nós, duas instâncias da forma verbal *quebra* que, unidas, formavam um composto, como se pode ver na representação em (13), retirada daquele trabalho.

(13)



Seja a restrição um produto de expressões como “a fase do” ou de cunho pragmático, a impressão reportada pelo autor a partir de (i) e (ii) se dá a partir de uma visão do que é mais frequente no uso desses sintagmas reduplicativos, mas essa frequência não necessariamente reflete as regras de formação desses sintagmas.

(Carvalho; Rodero-Takahira, 2015: 135)

Embora as análises guardem semelhança do ponto de vista empírico, porque ambas assumem a presença de *v* e *n*, é necessário defender, neste trabalho, por que os sintagmas reduplicativos não são um caso de composição.

Em um resumo das propriedades dos compostos, Nóbrega (2020) cita as seguintes características comumente encontradas em compostos.

Uma delas é a exocentricidade categorial, que se define pelo fato de os compostos terem uma categoria gramatical diferente da dos elementos que a constituem. O autor dá como exemplo o sintagma em (14), formado a partir de dois verbos e que recebe uma categorização final como nome, semelhante ao que vimos argumentando para os sintagmas reduplicativos. O exemplo em (14) é também usado para ilustrar outra característica dos compostos, que é a perda das características de subcategorização, que fica clara em um confronto entre (14) e (15). Em (15), vemos que esse verbo costumeiramente seleciona um argumento interno, que está ausente em (14).

(14) bate+ bate (V+V➞ N) (Nóbrega, 2020:104)

(15) O João bateu no carro. (Nóbrega, 2020: 104)

Outra característica são os efeitos de integridade lexical, que dizem respeito à impossibilidade de modificar membros do composto com movimento ou alguma operação que altere a estrutura. O dado em (16a), com o composto *bolsa-família*, exemplifica isso e o dado em (16b), de um sintagma reduplicativo, também exemplifica isso.

(16) a. *Família, várias bolsas-~~família~~ foram cortadas no último ano. (Nóbrega, 2020: 105)

b. *Bate, Um bate-~~bate~~ é muito perigoso.

São características como essas, comuns aos casos de reduplicação e de composição, que provavelmente nos fizeram analisar esses casos como composição em Carvalho e

Rodero-Takahira (2015).[8] Todavia, esses dados não necessariamente indicam que os sintagmas reduplicativos são compostos. A impossibilidade de movimento em (16) simplesmente indica que compostos e sintagmas reduplicativos são uma unidade atômica, comparável a uma palavra. Também não podemos separar um prefixo átono do resto de uma palavra, como a comparação entre *ele vai renascer* e " **nascer, ele vai re-"* mostra.

Nessa nova perspectiva, talvez a característica decisiva para que afastemos a hipótese de composição seja o fato de que os elementos do composto têm alguma relação gramatical correlata a de sentenças – coordenação, subordinação ou atribuição. Isso é exemplificado em (17).

(17) pastor-deputado

i. leitura atributiva: 'além de pastor, a pessoa também exerce paralelamente a função de deputado.

ii. leitura coordenada: 'pastor e deputado'.

(Nóbrega, 2020: 110, nossa tradução)[9]

Essas relações não são observadas nos sintagmas reduplicativos. Isto é, em dados como *quebra-quebra* e *esconde-esconde*, não se pode dizer que as duas palavras *quebra* estão coordenadas nem subordinadas nem em uma relação de atribuição. Todas essas relações correspondem a estruturações sintáticas diferentes. Como discutido, sintagmas como *quebra-quebra* designam um grande evento de *quebra-quebra*, composto por vários eventos de *quebra*. É uma relação de parte e todo (portanto, uma relação semântica) que não se traduz por uma subordinação (**uma quebra que é quebra*), uma coordenação (**uma quebra e uma quebra*) ou uma atribuição (**uma quebra que modifica uma quebra*).

[8] Ver também uma análise de composição para esses casos em Gonçalves; Vialli (2017), desenvolvida em outro paradigma teórico.

[9] No original:

pastor-deputado lit. pastor-congressman
i. Attributive reading: 'a pastor who, in addition to being a pastor, has another parallel occupation, congressman';
ii. Coordinate reading: 'pastor and congressman'.

A razão para isso é muito simples. De um ponto de vista semântico, as relações de coordenação, subordinação ou atribuição necessitam de duas entidades ou eventos separados para se constituir, mas em *quebra-quebra* e *esconde-esconde*, o evento maior é constituído de eventos menores e não há separabilidade entre eles. Como vimos, a reduplicação é usada como uma estratégia de aumento de uma unidade e difere, assim, de compostos que tomam duas unidades diferentes que não possuem relação de inclusão ou acarretamento para formar uma terceira unidade.

Em contraste, quando duas unidades distinguíveis são selecionadas como as palavras dos compostos, elas só podem designar uma nova unidade se estabelecerem alguma relação gramatical em que uma tem proeminência (atribuição ou subordinação) sobre a outra ou, ainda, em uma relação de igualdade, como a coordenação. Na reduplicação, há, como dissemos, um aumento da mesma unidade que, sintaticamente, não pode ser expressa por uma dessas relações sintáticas comuns a compostos e sentenças.

Em suma, embora, em um trabalho anterior, as semelhanças entre compostos e reduplicação tenham nos levado a assumir que esses sejam dados de composição, o raciocínio desconsiderava que essa similaridade vem do fato da formação de uma unidade morfológica nos compostos e sintagmas reduplicativos. Isso não quer dizer que essa unidade morfológica, presente nos dois casos, seja da mesma natureza.

Ademais, uma análise de composição para os sintagmas reduplicativos não pode gerar a leitura de multiplicidade de eventos que temos em *quebra-quebra* e outros exemplos analisados. Inclusive, como dito na seção 1, a leitura de multiplicidade, pluralidade, aumento ou qualquer relação semântica que possa ser descrita informalmente como “abundância” é uma característica da reduplicação, não da composição. Se mantivéssemos uma análise de composição para esses casos, teríamos de explicar como essa leitura aparece nesses compostos especificamente em que as duas bases são iguais, mas não em outros.

Por um mecanismo de composição, esperaríamos que a leitura de *quebra-quebra* fosse a de dois eventos de *quebra*. Esperaríamos, ainda, que esses eventos de quebra fossem diferentes um do outro. Poderíamos esperar também uma leitura idiossincrática (como em *guarda-chuva*), como é característico da composição, mas não uma leitura de uma multiplicidade de eventos indistintos que ocorrem simultaneamente. Em suma,

somente um morfema reduplicativo é capaz de gerar essa leitura, ao contrário do que afirmamos em Carvalho e Rodero-Takahira (2015).

Isso esclarecido, discutimos mais algumas características de análises prévias para este fenômeno em PB que nos ajudarão a determinar a formação do sintagma reduplicativo.

3. Restrições para a formação dos sintagmas reduplicativos

3.1. Estudos prévios sobre os sintagmas reduplicativos do tipo *quebra-quebra*

O fenômeno da reduplicação é extensivamente tratado na literatura fonológica e não seria diferente para o caso dos sintagmas reduplicativos em estudo do PB. Araújo (2002), por exemplo, nota algumas tendências fonológicas na reduplicação, quais sejam, os dados possuem sílabas abertas, com acento na penúltima sílaba (isto é, são paroxítonas), sendo exemplares da tendência do PB de formar estruturas de consoante-vogal (CV).

Isso explicaria por que alguns dados não são possíveis. A presença de um elemento nasal na coda, como em *retém-retém* ou *advém-advém*, bloquearia a reduplicação. Outros dados com coda final, citados também pelo autor, parecem confirmar a generalização: **abstém-abstém* e **mantém-mantém*. Contudo, o próprio autor nota casos que fogem à generalização de uma estrutura silábica do tipo CV-CV para que a reduplicação aconteça, como nos dados em *cai-cai*, *rói-rói* e *põe-põe*.

Gonçalves e Vialli (2016, 2017), seguindo trabalhos prévios em conjunto ou separados, consideram que o alvo dessas formações são verbos de ação dissilábicos. Eles reconhecem, contudo, a existência de verbos monossilábicos nesses sintagmas reduplicados, mencionando novamente exemplos como *cai-cai*, e argumentam que os trissilábicos são desencorajados, mas, quando ocorrem, costumam ser sem onset (*agarra-agarra, espreme-espreme, empurra-empurra*).

Gonçalves e Vialli (2017) listam uma série de exemplos que seriam marginais ou agramaticais com reduplicação. As razões dadas pelos autores para essa impossibilidade são variadas, mas são todas ligadas a um desvio das características fonológicas esperadas. Na visão dos autores, há um molde simples em que os verbos devem se encaixar, o qual é

bastante similar às restrições de Araújo. Para Gonçalves e Vialli, se os verbos possuírem três sílabas ou ditongos abertos, fogem ao molde dedicado ou preferido para a reduplicação em português, que privilegia sílabas CV e verbos dissílabos.
Alguns exemplos malformados para os autores estão listados em (18).

(18) Exemplos de sintagmas reduplicativos malformados

a.**Trissílabos:** Decora-decora; martela-martela; tropeça-tropeça; dispara-dispara; atropela-atropela; encoraja-encoraja.

b.**Ditongos abertos**: Atrai-atrai; esvai-esvai; retrai-retrai

Além dessas restrições fonológicas, os autores também listam restrições morfológicas. Verbos morfologicamente complexos se afastam também do molde preferido para a reduplicação, já que o *merge* de prefixos e sufixos pode aumentar consideravelmente o número de sílabas de uma palavra, além de reestruturações silábicas decorrentes de afixação morfológica tornarem, por vezes, as sílabas mais complexas. Assim, ficam também justificados o banimento de formas como *negocia-negocia, fortifica-fortifica*, *fertiliza-fertiliza* e *enriquece-enriquece*, entre muitas outras.

Embora concordemos com a agramaticalidade de alguns exemplos trazidos pelos autores, parece haver, para nós, outros fatores em jogo, quando examinamos a totalidade dos dados.

Consideremos, por exemplo, os dados *atrai-atrai, esvai-esvai e retrai-retrai*, descartados por Gonçalves e Vialli (2017) por terem ditongos abertos. Se essa é a razão para o banimento dessas formações, ficam sem explicação dados como *cai-cai* e *vai-vai*, também citados pelos autores como sintagmas reduplicativos possíveis. Seria estranho, então, de um ponto de vista fonológico, que esses sejam possíveis, mas os dados em (18b) não.

A diferença que efetivamente se vê entre dados como *atrai-atrai, esvai-esvai, retrai-retrai,* de um lado, e *cai-cai* e *vai-vai* de outro é o fato de os primeiros possuírem prefixos e os últimos não. Verbos como *atrair, esvair* e *retrair* envolvem uma das bases presas do PB (cf. Basílio, 1980), a raiz √tra, que só aparece ligada a um prefixo, tendo uma

distribuição mais restrita do que raízes que não precisam ser prefixadas para se superficializarem.

Tendo em vista essa breve discussão, não parece haver um template fonológico para os sintagmas reduplicativos ou, se ele existe, parece ser um fator que não impede a reduplicação de monossílabos e trissílabos com estruturas silábicas divergentes de CVCV. Em outras palavras, o fato de a grande maioria dos casos ser de verbos dissilábicos e com sílabas no molde CV é uma questão de produtividade, que pode muito bem estar refletindo tendências gerais da língua. Como os dados mostrados pelos próprios autores deixam claro, não parece haver uma questão de restrição a esse molde.

Há, sim, restrições para que os sintagmas reduplicativos ocorram, mas parecem ser de natureza morfossintática, como argumentado em Carvalho e Rodero-Takahira (2015). Na próxima seção, exploramos algumas das restrições morfossintáticas, expandindo uma hipótese já presente em Carvalho e Rodero-Takahira (2015) e discutindo se há uma explicação unificada para elas.

3.2. Investigando a restrição para a formação de sintagmas reduplicativos

Como veremos a seguir, parece haver alguns fatores morfossintáticos responsáveis pelo licenciamento de um verbo como candidato à reduplicação. Um desses fatores, já identificado por Gonçalves e Vialli (2017), é o verbo ser morfologicamente simples e essa restrição é aparentemente encontrada em outras línguas em que a reduplicação é um fenômeno produtivo (cf. Martins, 2007, para reduplicações em português europeu). Essa restrição explica o não licenciamento de dados que já foram analisados como agramaticais também por autores como Araújo (2002) e Gonçalves e Vialli (2017), como os dados *atrai-atrai, esvai-esvai, retrai-retrai.* A diferença é que assumimos que os fatores que excluem esses casos são completamente morfossintáticos (como a complexidade da palavra), não fonológicos.

Contudo, a reduplicação que se examina neste texto parece evitar verbos com complexidade morfológica para além daqueles com prefixos e sufixos. Há verbos que não possuem prefixos e sufixos e, ainda assim, não são candidatos à reduplicação, como *martelar*. A complexidade da palavra também pode ser uma explicação possível para esse caso. Verbos como *martelar* podem ser classificados como tendo uma fase nominal antes

da fase verbal. Nesse caso, o verbo teria outras fases em sua formação e isso parece impedir a sua reduplicação, resultando na agramaticalidade reportada para **martela-martela* (**Foi um martela-martela lá em casa*). Isso pode ser explicado se o morfema reduplicativo não puder ter acesso à constituição interna complexa das palavras e conseguir copiar somente palavras com uma fase, uma hipótese que aventamos aqui levando em conta os dados discutidos em literatura prévia e que pode ser cuidadosamente testada na continuidade deste trabalho.

Examinemos mais alguns dados para refinar essa hipótese. Levemos em conta o verbo *decorar* que não forma sintagmas reduplicativos como **decora-decora*. Diacronicamente, esse verbo era formado com o prefixo *de-*. Embora atualmente um falante nativo não diga que esse verbo é prefixado, não sabemos se a raiz *cor-* é analisada pelo falante como uma base presa, o que impactaria a formação desses sintagmas reduplicativos. Portanto, na falta de mais evidências, categorizamos um dado como **decora-decora* juntamente com **atrai-atrai*. Nesses casos, não há como acessar a raiz dos elementos, porque elas não podem se superficializar sem a presença de um prefixo, o que impede a formação dos sintagmas reduplicativos.

Por sua vez, há dados como *tropeça-tropeça*, julgado por Gonçalves e Vialli (2017) como impossíveis com base em um critério fonológico. Todavia, de acordo com os nossos critérios, essas formas não seriam impossíveis, já que esse não é um verbo complexo morfologicamente nem parece ser formado a partir de um nome.

Encontramos duas ocorrências do exemplo, como se vê abaixo:

(19) O deck sempre lotado, os animadores sempre gritando em ritmo (sic) de axé music, funk e coisas do gênero. As danças viravam um empurra / empurra, **tropeça / tropeça** no estilo vídeo-cassetada. Fonte: https://www.viagenseandancas.com.br/2011/03/cruzeiro-de-natal-pelo-nordeste/, acesso em 10 de outubro de 2025, às 17h20min.

(20) Se não for assim, o passo-a-passo pode virar um **tropeça-tropeça.** Fonte: https://www.administradores.com.br/artigos/o-preconceito-teorico, acesso em 10 de outubro de 2025, às 17h21min.

O que parece estar em jogo em relação a alguns casos é a produtividade. De fato, dados como os listados em (1) são muito mais corriqueiros do que os que estão em (19) e (20). Todavia, como sabemos, ser pouco produtivo não significa ser agramatical.

Os próximos dados ilustram, novamente, a importância de o verbo possuir somente um categorizador em sua formação. Os dados em (21) são de verbos que parecem ser formados a partir de seus nomes correspondentes e possuiriam, assim, mais de uma fase em sua formação. Dessa forma, mesmo que sejam categorizadas por um *v* e formem eventos, eles não formam sintagmas reduplicativos, como os exemplos em (21a), (21b) e (21c) mostram.

(21) a.* Foi um festa-festa danado. (*festar)*
b. *Foi um sexta-sexta danado. (*sextar*)
c. *Foi um tesoura-tesoura danado. (*tesourar*)

O dado em (22) se contrapõe aos dados acima e, mais particularmente, aos dados em (21a) e (21b), porque possui a mesma estrutura silábica desses verbos: é dissílabo paroxítono que possui uma sílaba no molde CVC seguida por uma sílaba CV. Além disso, a estrutura global das palavras que forma os sintagmas reduplicativos em (21a) e (21b) e (22) é extremamente parecida, o que, de novo, nos leva a pensar que a restrição fonológica para os dados ou não é operativa ou é muito fraca em comparação com as restrições morfológicas para que o morfema reduplicativo atue.

(22) "Será que alguem acerta os 8 itens? Ahh..e só vou publicar os comentários no domingo porque senão vai ser *um* ***pesca pesca...*****"** (https://margaretss.com.br/o-que-e-o-que-e/)

Consideremos, agora, os dados em (23), que mostram restrições aspectuais para os verbos. Todos os exemplos, notados em nosso trabalho prévio sobre o tema, são de verbos estativos. Nenhum deles é licenciado nos casos em estudo, mesmo que possuam as restrições fonológicas necessárias. Os dados em (23b) e (23f), por exemplo, são de verbos dissílabos com estrutura silábica CVCV.

(23) a. *Foi um ama-ama no nosso relacionamento.
b.*Foi um sabe-sabe na discussão do capítulo.
c.*Foi um compreende-compreende na nossa discussão.

d. *Assiste-assiste

e. *Pensa-pensa

f. *Fica-fica (parado na fila) (Carvalho; Rodero-Takahira, 2015)

Isso reforça, mais uma vez, que a restrição fonológica é pouco ou nada operativa para a explicação desses dados. Por outro lado, como todos os dados em (23) são de verbos estativos, a restrição sobre a semântica de evento parece descrever adequadamente os dados. Estados não são eventos e, por isso, não são licenciados em sintagmas reduplicativos. Levando em conta, ainda, que assumimos a presença de um morfema reduplicativo que se materializa como um núcleo de aspecto habitual, esses verbos não fazem parte daqueles que poderão ser tidos como inclusos em uma gama de eventos do mesmo tipo.

Nota-se que alguns verbos em (23) possuem contrapartes eventivas homônimas, como *amar* significando relação sexual, ou *ficar* significando manter relacionamento amoroso breve. Nessa acepção, eles não são estativos. Como é de se esperar, nessas acepções, eles formam sintagmas reduplicativos.

(24) a. Foi um ama-ama naquele quarto.

b. Naquela festa de adolescentes, era um fica-fica danado.

Tendo em vista esse panorama geral, Carvalho e Rodero-Takahira (2015) assumem a proposta de Bach (1986) para a classificação de eventualidades, mediante algumas adaptações. A proposta de Bach para eventualidades é embasada em um paralelo com os nomes massivos e contáveis.

Os dois tipos de nomes são exemplificados em (25) e (26), respectivamente. Quando há um conjunto formado por dois elementos contáveis, o indivíduo plural formado por eles é a soma dos indivíduos singulares, como mostrado em (25). O mesmo não acontece quando há uma soma de indivíduos massivos. O indivíduo plural formado por eles continua sendo uma entidade só. É isso que (26) mostra: a soma de sangue de dois indivíduos continua sendo sangue, não sangues.

(25) Há um conjunto formado por dois cavalos: Cavalo A e Cavalo B.

O indivíduo plural formado por eles não é um cavalo, mas sim cavalos.

(26) Há um conjunto formado por sangue de dois indivíduos.

O indivíduo plural formado por eles é sangue, não sangues.

Transferindo essa possibilidade de formação de átomos massivos e contáveis para os verbos, a conclusão de Bach é que haja, no domínio verbal, eventos contáveis e eventos massivos.

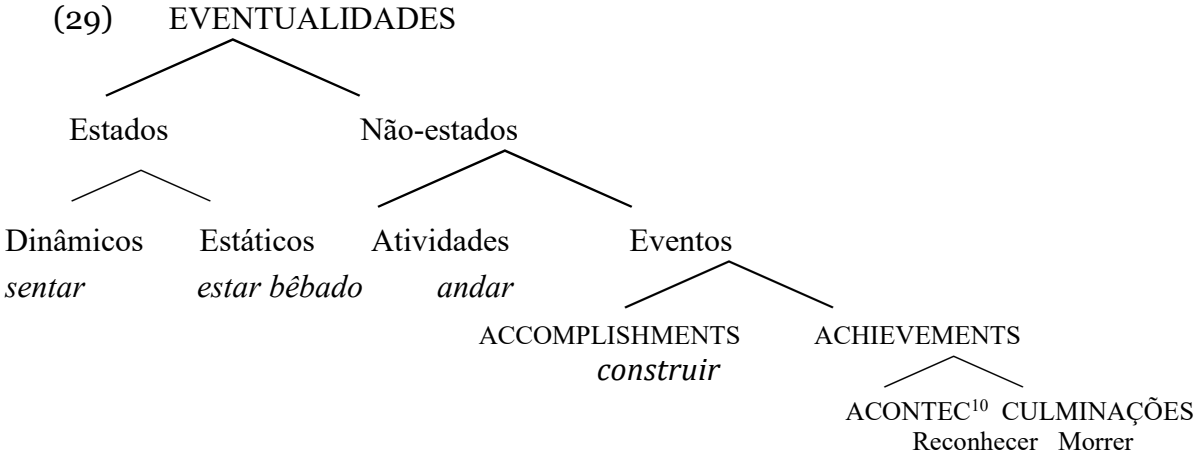
Eventos como *morte* comportam-se como o nome *cavalo*. Dessa forma, dois eventos de morte não podem corresponder a uma morte. Mesmo na ocasião improvável de uma pessoa morrer duas vezes e voltar à vida, isto é, ter seus sinais vitais extintos duas vezes e voltar à vida, haverá dois eventos de morte. Isso nos mostra que o evento *morrer* é um evento atômico e se equipara a nomes contáveis como *cavalo*. Por outro lado, um evento como *correr* corresponderia a um evento massivo, já que, se uma pessoa corre um pouco, para e volta a correr, podemos dizer que ela fez somente uma corrida. Mesmo que haja dois eventos de correr, eles podem corresponder a um só evento.

(27) Morrer é um evento do tipo atômico, ou seja, contável.

(28) Correr é um evento do tipo não atômico, ou seja, massivo

Bach correlaciona essas propriedades de massividade e contabilidade ao tipo aspectual do verbo, formando o esquema que se vê em (29):

(29)



[10] ACONTEC=acontecimentos. No original, 'happenings.'

(Bach, 1986: 325, traduzido e adaptado)

O esquema em (29) traz uma tripartição dos tipos verbais. Há os estados que não seriam nem massivos nem contáveis e encontram-se separados, em outro galho da estrutura. Do lado direito da estrutura estão os tipos eventivos que podem ser categorizados como massivos e contáveis.

As atividades representam o tipo prototípico de eventos massivos. Como *correr*, dois eventos de *andar* podem ser interpretados como um só. Por exemplo, se uma pessoa para durante uma caminhada várias vezes, ela ainda pode dizer que andou por 1 hora. Por fim, há os elementos mais baixos no esquema: *accomplishments* e *achievements* que, por apresentarem um objeto, seriam invariavelmente contáveis na perspectiva de Bach.

Como vemos, se seguirmos a tipologia de Bach à risca, somente verbos de atividade são massivos. Verbos classificados como eventos no esquema em (29) — accomplishments e achievements — são analisados como contáveis, já que dois eventos de construir uma casa, por exemplo, serão distintos, isto é, não poderão ser vistos como partes de um evento só. O evento plural formado por eles não é um evento de construção de casa, mas sim dois eventos de construção de casa.

Essa tipologia de Bach é interessante para caracterizar os sintagmas reduplicativos porque os eventos nesses sintagmas podem ser todos vistos como massivos, isto é, os eventos se fundem e não conseguimos, facilmente, conferir indistinguibilidade a eles. Todavia, observamos esse comportamento com todos os verbos licenciados nos sintagmas reduplicativos, não somente com os verbos de atividade. Tomemos como exemplo um dado anterior, repetido agora como (30):

(30) “As danças viravam um empurra / empurra, tropeça / tropeça no estilo vídeo-cassetada”

A sentença provavelmente se refere a um episódio em que as pessoas não sabiam dançar corretamente e, como resultado, as danças envolviam muitas colisões de seus participantes. Veja que um evento como *empurra-empurra* é composto de vários

empurrões e não é possível separá-los adequadamente. Vejamos um exemplo retirado de Carvalho e Rodero-Takahira (2015:122).

(31) Contexto: Fizemos um jogo na casa do José e todos se comportaram muito bem com exceção da Maria, que roubou uma vez no segundo tempo.
#Foi um rouba-rouba no jogo da semana passada

(32) Contexto: Fizemos dois jogos na casa do José na semana passada e todos se comportaram muito bem, com exceção de Maria. No primeiro jogo, que aconteceu na terça-feira, ela roubou uma vez no segundo tempo; no segundo jogo, que aconteceu na quinta-feira, ela roubou uma vez no primeiro tempo.
#Foi um rouba-rouba nos jogos da semana passada.

Os exemplos mostram que, embora quem fale os sintagmas reduplicativos possa saber quem fez o quê, a expressão não é usada para discriminar os eventos de *roubar* (no caso). Eles são apresentados como indistintos. Aliás, se quiséssemos dizer que o João roubou no primeiro tempo e a Maria e o Pedro roubaram no segundo tempo, não usaríamos o sintagma reduplicativo, que apresenta os eventos de roubar sem diferenciá-los ou particularizá-los. É nesse sentido que a formação dos sintagmas reduplicativos se parece com nomes massivos. Embora saibamos que grãos de arroz possam ser individuados, o nome a*rroz* raramente permite essa individuação nas expressões linguísticas.

Todavia, é importante frisar uma adaptação necessária na tipologia de Bach. Enquanto *empurra-empurra* e *rouba-rouba* são sintagmas com verbos que podem ser classificados como verbos atividade e seriam, portanto, mais propensos a uma leitura massiva de acordo com a tipologia de Bach, há exemplos de sintagmas reduplicativos feitos a partir de verbos de *accomplishments*, como *quebrar,* em (33).

(33) Houve um **quebra-quebra** geral na estação. (*quebrar*)

Como o leitor pode verificar, não se nota nenhuma diferença no comportamento de *quebrar* em (33) comparado ao comportamento de *empurrar* e *tropeçar* em (30). Em

todos os casos, o sintagma teria uma leitura massiva, seguindo a tipologia de Bach. Dessa forma, pode-se dizer que há vários eventos de *quebrar* que são indistinguíveis em (33), da mesma forma que notamos para *empurrar* e *tropeçar* em (30).

Embora nos inspiremos em Bach para explicar a leitura massiva desses exemplos, ela não explica adequadamente todos os casos de leitura massiva em sintagmas reduplicativos. A insdistinguibilidade dos eventos em sintagmas reduplicativos acontece com todos os verbos que denotam eventos, sejam eles atividades, *accomplishments* ou *achievements*. Argumentamos em trabalho prévio que isso se devia ao fato de que os verbos dos sintagmas reduplicativos não possuem camadas funcionais tanto baixas (que permitem a introdução do objeto) quanto altas (como tempo e aspecto), como se vê no trecho citado abaixo:

> Como Bach pontua, eventos massivos como *correr* podem se transformar em contáveis com a adição de um objeto, por exemplo. Nos compostos (sic) em tela, salvo raríssimas exceções, os verbos são acessados intransitivamente e projeções funcionais sentenciais não são licenciadas. Portanto, o potencial contável de alguns verbos não se manifesta (...). (Carvalho; Rodero-Takahira, 2015, itálico nosso)

Embora a proposta aqui apresentada tenha uma projeção de aspecto, a intuição básica de Carvalho e Rodero-Takahira (2015) se mantêm. A interpretação, de certa forma, massiva desses sintagmas vem das poucas projeções funcionais relacionadas ao sintagma verbal que eles têm.

Em suma, apesar de nos baseamos bastante em Bach em relação à presença de eventos massivos e contáveis, fazemos aqui uma adição à proposta dele, tomando como base a Morfologia Distribuída. Levando em conta que a adição de material sentencial, como a introdução de objetos e o nó de tempo, individualiza um evento, a reduplicação em estudo acontece em uma porção tão baixa da estrutura que é difícil individualizá-la. Portanto, todos os verbos que participam desse evento comportam-se como massivos, razão pela qual a reduplicação não está restringindo o tipo aspectual do verbo. Uma proposta como a de Bach é útil ao separar estados, que não podem ser considerados massivos ou contáveis, dos outros tipos aspectuais verbais. Todavia, a sua implementação em termos de uma reduplicação baixa, logo após a primeira categorização do verbo, necessita de alguma adaptação, como fizemos aqui.

Nesta seção, levando em conta que a reduplicação ocorre somente com verbos eventivos e morfologicamente simples, aventamos a hipótese de que o material usado é um verbo em sua primeira categorização. Isso explica uma série de propriedades dos sintagmas reduplicados. Não basta que somente qualquer raiz seja categorizada como verbo, o que explica por que formações como *festar, sextar, festejar* entre outras estão de fora: a contribuição eventiva nesses casos vem, possivelmente, de mais de uma categorização, diferente dos casos em estudo aqui.

Da mesma forma, estados não participam desses sintagmas porque não são eventos. Os sintagmas reduplicativos fazem, portanto, uma escolha bem fina em relação ao tipo de material que pode ser reduplicado. Como vimos, essas restrições parecem ser robustas e terem um peso maior do que restrições fonológicas para essas formações.

4. Reduplicações verbais em várias línguas: principais características

Como dito na Introdução, as formações reduplicativas possuem um significado que pode ser definido genericamente como de intensidade e que se manifesta concretamente de muitas formas, como os exemplos de variadas línguas, discutidos na seção 1, mostraram. Além de esse significado de intensidade variar de acordo com o tipo de reduplicação, há também expedientes morfossintáticos diferentes nas reduplicações das línguas.

Nesta seção, investigaremos algumas características de reduplicações em outras línguas, de forma a delinear semelhanças e diferenças com os sintagmas reduplicativos em estudo. Levemos em conta estratégias de reduplicação como as que estão em (34):

(34) a. I can't say I LIKE-like Mary. (Ghomeshi *et al*. 2004: 326)

b. A diz: O João não comprou o carro. B diz: O João comprou o carro, comprou. (Martins, 2007)

c. il governatore designato vescovo cercò di fuggire verso Pavia ma per superlativo miracolo gli si voltò la strada davanti ai piedi e, **cammina cammina**, il domani all'alba si ritrovò di bel nuovo alle porte di Milano (Thorton,2009:237)

> "O governante que se tornou bispo tentou fugir para Pavia, mas, por um milagre maior, a rua se virou para o lado oposto de seus pés e, mesmo que caminhando muito, no outro dia, ao nascer do sol, ele se viu de novo na entrada de Milão."[11]

Embora diversas entre si, as estratégias de reduplicação em (34) são parecidas por envolverem elementos verbais – isto é, envolvem ou o núcleo verbal ou suas projeções - e que, portanto, podem servir de comparação com os sintagmas reduplicativos em estudo, que também envolvem uma camada verbal.

Em (34a), por exemplo, a base e o elemento reduplicado diferem. Somente o núcleo verbal é reduplicado, mesmo que a base tenha um objeto como complemento. O mesmo se vê nos dados do português europeu em (34b). Os dados do italiano, em (34c), serão discutidos com mais vagar à frente por possuírem uma série de semelhanças com os dados do PB e constituírem, portanto, um parâmetro importante de comparação.

O confronto dessas três estratégias de reduplicação com os nossos dados já sugere que a forma básica tomada como input para a reduplicação nos sintagmas reduplicativos do tipo *quebra-quebra* é bem baixa, algo que já afirmamos na seção passada com base em outras características desses sintagmas.

Embora haja marcas de uma fase verbal nos sintagmas reduplicativos, como a manutenção da vogal temática verbal, não há presença de argumentos internos nem externos, diferindo dos dados do inglês e do português europeu, em (34a) e (34b), respectivamente, e se assemelhando aos do italiano, em (34c). Isso, mais uma vez, reforça a hipótese de que uma porção muito baixa da estrutura é reduplicada.

Como os exemplos abaixo mostram, ou os sintagmas reduplicativos aparecem como intransitivos, como em (35), ou a introdução do objeto necessita de uma preposição mesmo que o verbo correspondente não selecione argumentos preposicionados, como (36) ilustra.

(35) "Sabemos que historicamente *os quebra-quebras* fizeram parte das lutas populares." (https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/mpl-diz-que-quebra-quebra-faz-parte-da-luta-popular-9puxt68leh4ouyjpljsn902tq/m acesso em 04 de setembro de 2025)

(36) O rasga-rasga **de livros** na escadaria do teatro ajuda a explicar o projeto do movimento e as razões do seu naufrágio (compare com *rasgar livros*).

[11] Tradução feita pela autora a partir da tradução em inglês no artigo citado.

Esses dados nos dão mais algumas pistas sobre a formação desses sintagmas. A primeira delas e mais óbvia é a de que o objeto *de livros* em (36) não seja introduzido na fase verbal, mas na fase nominal. Nomes, sendo categorias +N, não atribuem Caso, portanto seus complementos necessitam obrigatoriamente de um atribuidor de Caso para serem licenciados (cf. Chomsky, 1981). Isso explica a presença compulsória da preposição em complementos nominais e indica que *de livros*, em (36), é introduzido na fase nominal da formação. Se esse objeto tivesse sido introduzido na camada verbal, essa preposição não seria necessária, já que o verbo *rasgar* não seleciona um complemento preposicionado.

Um parecerista anônimo levanta a hipótese de que, nesse caso, haja, na verdade, a falta de uma projeção que dê o caso acusativo, como v ou Voice, e quem tenha que dar Caso é uma preposição. Embora essa análise seja possível, ficariam, aparentemente, sem explicação os casos em que o verbo não tem suas restrições selecionais satisfeitas. Isto é, se a presença desse complemento ocorresse na fase verbal com a introdução do complemento do verbo requerido por uma preposição, não teríamos como explicar por que alguns sintagmas reduplicativos possuem complementos e outros não, mesmo quando o verbo correlato seleciona um complemento.

Nesse ponto, os sintagmas reduplicativos diferem de nominalizações como a presente em (37), tendo vindo de um verbo que necessariamente seleciona complemento tanto na sua forma transitiva ou na intransitiva (por ser inacusativo), sempre tem o complemento manifesto, como (37) exemplifica. É importante salientar que, se o complemento não está fonologicamente realizado, mas é subentendido, ele está manifesto na estrutura.

(37) A quebra do sofá assustou a todos.

Essa discussão sobre a introdução de objeto em sintagmas reduplicativos se relaciona com as peculiaridades da fase verbal aludidas na seção anterior. Há indícios morfológicos de uma camada verbal, mas ela parece ser baixa e composta somente pelo categorizador. Além disso, como vimos, nominalizações com fase verbal, como *a quebra*, mantêm a necessidade de introdução do objeto, enquanto, nos sintagmas reduplicativos,

essa necessidade está suspensa. Se a introdução de um complemento verbal é feita pelo categorizador verbal, como defende Gallego (2015), ficamos com mais um indício de que a fase verbal nos sintagmas reduplicativos não é prototípica, uma questão que pede uma investigação em trabalhos futuros.

Cabe ressaltar, contudo, que os sintagmas reduplicativos são bastante parecidos com a reduplicação do italiano descrita por Thornton (2008, 2009) como 'nomes de ação' e exemplificados em (38) abaixo.

(38) a. fuggifuggi, literalmente 'foge-foge'
b. pigiapigia, literalmente 'empurra-empurra'
c. copia copia, literalmente 'copia-copia'

Thornton (2009) defende que essas formações em italiano possuem duas características principais. Em primeiro lugar, elas se constituem como reduplicações de uma base verbal, já que são todas homófonas à forma singular imperativa na língua. Em segundo lugar, o sujeito dessas formações deve se referir a uma pluralidade de indivíduos, mesmo que ele não seja manifesto.

Em relação à segunda característica, a autora observa que a leitura plural para os participantes do evento independe da semântica do verbo. Levando em conta o significado dos verbos, é plausível que reduplicações como *foge-foge* tenham uma leitura plural, porque as fugas, de modo geral, envolvem mais de uma pessoa. No entanto, essa leitura plural para o sujeito se mantém em estruturas como *compra-compra*, em que não há necessidade de uma compra ser feita por mais de uma pessoa.

Na nossa visão, essa é uma boa indicação de que a alegada leitura de pluralidade não está vindo da semântica do verbo, mas de um mecanismo gramatical que propicia essa leitura. Para nós, que estamos utilizando uma abordagem sintática da reduplicação, isso vem do próprio mecanismo de reduplicação que não está selecionando os verbos com base em um perfil pragmático de propensão de argumentos plurais.

Mesmo com a falta de argumentos externo e interno nessas estruturas, a autora apresenta exemplos muito bons de pistas discursivas para a presença de elementos plurais nos sintagmas reduplicativos. Por exemplo, em (39a), a segunda oração contém a palavra *ninguém*, indicando que havia mais de uma pessoa envolvida no evento de *atira-*

atira. Em (39b), a segunda oração subordinada faz referência, por sua vez, a *nenhum outro*. Em conjunto, as duas orações mostram que, quando esses sintagmas são usados, há mais de uma pessoa no discurso. A tradução desses exemplos também é gramatical em PB, como vemos em (39).

(39) a. Poi c'è stato lo spara spara. Non si è salvato nessuno.
'Aí um atira-atira aconteceu e ninguém sobreviveu.'
b. Una specie di copia copia tanto per far vedere che non si è da meno degli altri.
'Foi uma espécie de copia-copia só para mostrar que uma pessoa não é menos esperta do que todas as outras.'

(Thornton, 2008: 14, traduções nossas)

A autora também argumenta que a modificação adjetival de nomes de ação indica que seus argumentos têm uma leitura plural. Enquanto um sintagma como (40), em que *solitária* refere-se a uma fuga individual é agramatical, o sintagma (41) é gramatical se o adjetivo *geral* for usado.

(40) *um foge-foge solitário.
(41) um foge-foge geral.

Thornton (2008) atribui essas propriedades à presença, nesses sintagmas, de número verbal, um fenômeno presente em algumas línguas pelo qual uma forma supletiva do verbo é usada quando um argumento está no plural. Durie (1986: 363) define o fenômeno de número verbal da seguinte forma:

> A supleção de uma forma verbal parece selecionar invariavelmente o número do argumento absolutivo. Contudo, processos morfológicos mais produtivos mostram uma variação considerável na semântica com a qual são associados. (...) Muitos [desses processos morfológicos/JC] implicam atividade grupal e selecionam o número de participantes do papel temático de agente ou autor (...). Os dois padrões mais comuns parecem ser um argumento afetado no plural absolutivo e um argumento nominativo que expressa uma atividade grupal. Presumivelmente,

> esses são os modos mais naturais de fazer uma ligação da morfologia de número com a estrutura argumental do verbo.[12]

O fenômeno de número verbal é basicamente derivacional, como aponta a autora, e está relacionado a algumas classes semânticas nas línguas em que existe. Para Thornton, então, os nomes de ação seriam uma instância de expressão do número verbal em italiano. Isto é, o italiano também teria uma forma diferente do verbo quando um de seus argumentos tem de ser plural.

Embora essa análise seja plausível à primeira vista, temos, aqui, um paradoxo. Vimos que, no PB, os argumentos são inseridos na fase nominal da formação, já que devem ser introduzidos por uma preposição. Se os verbos não podem introduzir argumentos na camada verbal, como podemos falar que essa reduplicação é decorrente da instância de número verbal, que demanda argumentos plurais? Veja que essa pergunta cabe tanto para os dados de sintagmas reduplicativos do PB quanto para os de "nomes de ação", como a autora os chama, do italiano, já que ambos se assemelham em muitos aspectos, inclusive na introdução de argumentos por meio de preposições como o exemplo em (42) mostra.

(42) una privatizzazione che [...] i russi chiamano 'l'arraffa arraffa' **dei più forti.** (Thornton, 2008: 15, traduções nossas)
'Uma privatização que os russos chamam de pega-pega dos mais fortes.'

Como vimos, a autora assume que haja uma interpretação plural para os argumentos do verbo nesses casos. Contudo, parece-nos importante diferenciar uma interpretação plural de uma interpretação massiva. O que vemos nos dados do PB – e,

[12] Nossa tradução para: "Verb stem suppletion appears to invariably select for the number of the absolutive argument. However more productive morphologies show considerable variation in their semantic linking. [. . .] Many imply group activity, and select the number of the Agent or Actor [. . .]. The two commonest patterns, details aside, seem to be absolutive (plural affect) and nominative (group activity). Presumably these are the most natural ways of linking Number morphology to verbal argument structure." (Durie, 1986: 363).

possivelmente, também, nos do italiano – é uma interpretação massiva, não necessariamente plural.

Retomemos os exemplos (40) e (41), em que os sintagmas reduplicativos aparecem com modificações adjetivais. Um modificador como *geral*, licenciado em um sintagma reduplicativo, não está de fato atrelado a uma pluralidade, ou seja, a um conjunto de elementos singulares, mas a um grupo do qual não se pode depreender elementos singulares, logo compatível com uma interpretação massiva.

Se trocarmos os adjetivos por outros que deixam expressos significados correlatos à pluralidade, veremos que eles não são licenciados, como os exemplos de (45) a (47) exemplificam.

(43) *um foge-foge solitário.
(44) um foge-foge geral.
(45) *um foge-foge mútuo.
(46) *um foge-foge paralelo.
(47) *um foge-foge recíproco.

Adjetivos como *mútuo*, *paralelo* e *recíproco* determinam argumentos com um número de participantes especificado para dois. Para que sejam usados, deve haver pelo menos duas entidades identificadas. Todavia, esses adjetivos não são licenciados nos sintagmas reduplicativos do PB. O que os difere de adjetivos como *danado*, *geral* e *múltiplo*, que são licenciados nessas formações, é a especificação de quantidade. Os três primeiros vão se referir a quantidades delimitadas (duas entidades), enquanto os três últimos são, na verdade, usados para quantidades abundantes sem especificação, novamente mostrando o comportamento massivo dessas formações.

Em suma, há similaridades suficientes para pensar que os sintagmas reduplicativos do PB e do italiano podem receber a mesma análise. Ambos não requerem argumentos externos ou internos, embora possam ter argumentos internos introduzidos na fase nominal. Ambos, ainda, evocam eventos repetidos do mesmo tipo (*quebrar, lavar, limpar*, etc) que acontecem simultaneamente.

Contra Thorton, argumentamos, ainda, que a interpretação de que há argumentos obrigatoriamente plurais é uma implicatura pragmática, na verdade. Se há vários eventos,

há obrigatoriamente vários participantes. Então, a alusão aos participantes no discurso subsequente dos eventos será no plural.

Em suma, é preciso, nesse caso, uma diferenciação entre **participantes do evento** que podem ser aludidos no contexto subsequente de **argumentos exigidos por um núcleo**, que devem ser introduzidos na mesma oração. A alusão a eventos com sintagmas reduplicativos com palavras como *ninguém* no discurso subsequente não prova que há seleção argumental. Isso sustenta a nossa hipótese de que essas formações são reduplicações de um verbo em uma de suas primeiras categorizações, em que, crucialmente, não há seleção de argumentos. Se, de fato, houvesse seleção de argumentos por esses verbos, esperaríamos que ela ocorresse como complemento do verbo no sintagma reduplicativo. Com base em dados do PB, que também acontecem no italiano, os argumentos são obrigatoriamente introduzidos por preposição, o que indica a introdução na fase nominal da formação.

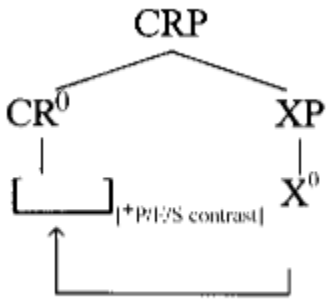
Na próxima seção, descrevemos brevemente o mecanismo de reduplicação desses sintagmas.

5. O mecanismo de reduplicação

Como Travis (2001) observa, há sempre uma interpretação de quantidade envolvida nos diferentes tipos de reduplicação sintática. Algumas línguas usam reduplicação para pluralizar nomes, outras pluralizam eventos para indicar que eles aconteceram mais de uma vez. Isso pode ser visto pelo significado que as expressões com reduplicação carregam, algo já discutido na Introdução a partir dos dados de Moravcsik (1978).

Além do trabalho de Travis (2001), a implementação de que a reduplicação envolve um núcleo sintático é encontrada em várias análises para o fenômeno. Aqui, nós nos inspiraremos em trabalhos sobre reduplicação, como o de Ghomeshi et al. (2004), que assumem que há uma reduplicação de um núcleo (mínimo ou máximo), de acordo com a representação que vemos em (48), em que CRP é uma abreviação para *contrastive reduplication frase* (‘sintagma de reduplicação contrastiva’).

(48)



Ghomeshi *et al*. (2004:347)

As reduplicações de que Ghomeshi *et al*. (2004) tratam são qualitativamente diferentes daquelas em que estamos interessados. Nos casos pelos quais os autores se interessam, pode haver reduplicação de diferentes classes de palavras, como o exemplo em (49) mostra.

(49) a. It was RED-red.
b. It's tuna salad, not SALAD-salad.
c. Lily: You have to get up.
Rick: I am up.
Lily: I mean UP-up.

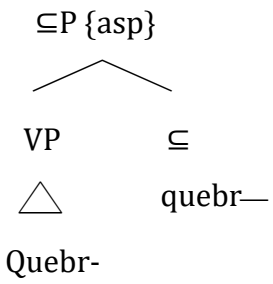
Nesses casos, a reduplicação é usada para reforçar um significado prototípico. Por exemplo, enquanto há várias tonalidades de vermelho possíveis, algumas ficam mais perto do marrom, por exemplo, e não seriam um vermelho prototípico. Para esses tons, por exemplo, não seria possível usar o sintagma *red-red*. O mesmo se aplica a uma salada de atum, que estaria longe de uma definição prototípica de salada.

Os autores salientam que a leitura prototípica não seria possível sem a reduplicação, já que uma sentença como *it was red*, mesmo que, com foco, na palavra *vermelho* (It was RED) não teria a leitura que (49) tem, qual seja, de que o objeto em questão tem a cor vermelha prototípica.

Podemos aplicar o mesmo raciocínio aos sintagmas reduplicativos em estudo. Se houvesse somente uma cópia do verbo, formando um sintagma como *um limpa* em vez de um *limpa-limpa,* a leitura de múltiplos eventos ocorrendo simultaneamente não seria possível e o significado de multiplicidade contido na raiz reduplicada não poderia, de fato, se superficializar. A reduplicação do verbo, então, tem um papel de "pluralizá-lo". Como elas são massivas, a leitura que se obtém é de um grupo indistinto de eventos.

Mais concretamente, fazendo uso da ideia de Franco e Lorusso (2026), apresentada na seção 2, uma das manifestações de reduplicação é o aspecto verbal que, acreditamos, explica exatamente a leitura de iteratividade desses casos, como o exemplo (10), repetido abaixo como (50), mostra.

(50)



Todavia, os autores não assumem que haja um mecanismo sintático de reduplicação e sim que o morfema de aspecto se superficializa como um verbo (o verbo abaixo do símbolo ⊆). Embora isso seja plausível, há uma série de questões que devem ser respondidas. Por exemplo, por que os dois elementos se superficializam com o mesmo verbo, com as mesmas terminações? Deve haver alguma instrução, em algum componente da gramática, para que isso ocorra.

Usando a ideia básica dos autores, inspiramo-nos mais concretamente na proposta de Kandybowicz (2007) para as reduplicações verbais na língua Nupe. Nessa língua, a reduplicação verbal tem uma leitura de foco como evidenciada pelo exemplo abaixo. O exemplo mostra ainda outra característica crucial do exemplo: apenas uma instância verbal aparece com os objetos esperados. Esse é, portanto, um caso de reduplicação de núcleo verbal, como o analisado neste artigo, muito embora tenhamos,

também, nesse caso, uma leitura diferente para a reduplicação. A leitura que se obtém aqui é de foco verbal, não de uma gama de eventos interdependentes, como no nosso caso.

(51) Musa e **gi** bise **gi** .
Musa eat hen eat
'Musa IS eating the hen.'
'Musa está comendo a galinha'

Kandybowicz (2007), inspirado em Nunes (2004), assume que a cópia mais baixa do verbo presente no exemplo (51) foi, na verdade, fundida, pós-sintaticamente, com um núcleo de foco na sintaxe. O autor recupera a proposta de Nunes (2004) sobre a linearização de cópias, que, apoiada no correspondente de axioma linear de Kayne (1994), assume o apagamento de cópias como uma consequência do algoritmo de linearização. De forma geral, um elemento realizado em duas posições é visto como não distinto pela gramática e apresenta dificuldades para a linearização sentencial.

Para que a linearização seja possível, uma das cópias deve ser descartada. A cópia mais alta contém mais traços e ela é a realizada na maioria dos casos. Como consequência, a cópia de baixo é descartada, como demonstrado resumidamente em (53), com a cópia mais baixa do elemento *qu*-sendo desprezada para a linearização da sentença.

(52) Quem o João viu?
(53) Quem o João viu ~~quem~~?

No entanto, há casos em que as cópias mais baixas podem ser pronunciadas. Eles envolvem, por exemplo, a fusão dessa cópia com algum núcleo funcional. Essa fusão garante que a cópia de baixo seja vista como um elemento diferente pela gramática (e, mais precisamente, pelo ramo de PF). As duas cópias, não mais vistas como idênticas, podem ser realizadas. Essa operação se mostrou frutífera em um grande número de dados das línguas e é aplicável para os casos de sintagmas reduplicativos em tela aqui. Kandybowicz (2007), no entanto, observa que essa operação, nos casos de reduplicação verbal com foco em Nupe, funciona como um último recurso para apresentar um expoente para uma projeção funcional.

Como visto, em Nupe, há uma leitura de foco nos dados com reduplicação, o que indica a presença de uma projeção funcional de foco na sintaxe. Não houve, contudo, a inserção de um material fonológico/morfológico para que essa projeção se realizasse. A operação de fusão com uma das cópias que tinha, na sintaxe, se movido para o núcleo de foco é realizada pós-sintaticamente e é um último recurso para a realização dessa projeção funcional.

Assumimos que o mesmo acontece para a projeção de Asp nos sintagmas reduplicativos aqui estudados que seleciona alguns VPs. Na ausência de um morfema de aspecto, uma das cópias verbais, que se moveu para essa projeção sintaticamente, funde-se ao núcleo pós-sintaticamente e as duas cópias são linearizadas, porque são vistas como distintas pela gramática, o que é esquematicamente mostrado em (54).

(54) [$_{Asp}$ Asp+pega[$_{vP}$ √pega]] = pega-pega

A fusão, nesse caso, garante que os elementos sejam vistos como distintos na linearização. Temos aqui, então, um caso clássico de múltipla realização de cópias. Vários casos de reduplicação nas línguas já foram analisados como realização de múltiplas cópias (cf. Corver e Nunes, 2007; Nunes, 2004) e o caso em tela segue o mesmo padrão de fundir uma das cópias com um núcleo funcional para realizar o conteúdo desse núcleo que não tinha uma palavra ou morfema correspondente na derivação sintática.

6. Conclusão

Este texto abordou alguns aspectos da formação dos sintagmas reduplicativos do PB, como *quebra-quebra*. Ao contrário da nossa abordagem anterior, afirmamos que esses dados não são fruto de composição de dois verbos, mas sim de uma reduplicação de um verbo que é possível graças à realização de duas cópias na fase verbal da formação. Uma dessas cópias se funde pós-sintaticamente a um núcleo de aspecto e é vista como distinta da sua cópia mais baixa durante a linearização. Além de descrever esse mecanismo geral de como a reduplicação acontece nesses dados, o trabalho também

examinou as peças dessa formação, indicando que há uma fase verbal (com poucos elementos) seguida de uma fase nominal.

A descrição apontou para duas características que devem ser estudadas em próximos trabalhos: (a) a possibilidade de um *v* especial nessas formações, visto que o argumento interno não é inserido na fase verbal; (b) um possível requerimento da reduplicação de palavras com só uma fase.

A contribuição deste trabalho, então, foi a de explicitar o papel da reduplicação nesses dados, visto que ela foi usada como um rótulo descritivo para esses dados em trabalhos anteriores e mesmo em trabalhos de outras línguas, como o italiano, que tem sintagmas com as mesmas propriedades. Esperamos que o exercício analítico feito neste trabalho fomente mais trabalhos e debates sobre a formação dos sintagmas reduplicativos.

Palavras para Ana Scher

Fiz o Doutorado sob supervisão da Ana Scher que me acolheu e confiou em mim quando eu sabia bem pouco de Morfologia Distribuída ou de Linguística Gerativa de modo geral. Agradeço a ela, principalmente, pela confiança, mas mais ainda pela paciência enquanto eu ainda estava me situando intelectualmente dentro do paradigma teórico. O assunto deste artigo não é o mesmo da minha tese, mas representa um dos muitos trabalhos paralelos que fiz sob supervisão da Ana Scher, o que só foi possível pela segurança e pelo acolhimento que sua supervisão proporcionou. Obrigada por tudo, Ana!

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Gabriel. *Truncamento e reduplicação no português brasileiro*. Revista de Estudos da Linguagem, v. 10, n. 1, 2002.

BACH, Emond. The Algebra of Events. *Linguistics and Philosophy*, v. 9, 1986.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do Português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

CARVALHO, Janayna; RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia. Foi um quebra-quebra: reduplicação integral em compostos [N [V V]] do português do Brasil. *ReVEL,* v. 13, n. 24, 2015.

CORVER, Norbert; NUNES, Jairo. *The copy theory of movement*. Amsterdam: Benjamins, 2007.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding: The Pisa lectures*. Walter de Gruyter, 1981.

DURIE, Mark. The grammaticization of number as a verbal category. In: NIKIFORIDOU, V.; VANCLAY, M.; NIEPOKUJ, M.; FEDER, D. (eds.). *Proceedings of the Twelfth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1986.

EMBICK, David; MARANTZ, Alec. Architecture and blocking. *Linguistic Inquiry*, v. 39, n. 1, 2008.

FRANCO, Ludovico; LORUSSO, Paolo. A Unified Morphosyntactic Analysis of Reduplication as Inclusion. *Languages*, v. 11, n.3, 2026.

GALLEGO, Ángel. Roots and phases. In: ALEXIADOU, Artemis; BORER, Hagit; Florian SCHÄFER, Florian (eds). *The Syntax of Roots and the Roots of Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

GHOMESHI, Jila. et al. Contrastive focus reduplication in English (the salad-salad paper). *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 22, 2004.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; VIALLI, Luciana. Por uma abordagem compreensiva da reduplicação no Português do Brasil. *Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural,* Alagoinhas-BA: Laboratório de Edição Fábrica de Letras - UNEB, v. 5, n. 1, 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório; VIALLI, Luciana. Abordagem construcional da reduplicação de base verbal em português. *Acta Semiotica et Lingvistica,* v. 22, n. 1 , 2017.

HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

KANDYBOWICZ, Jason. On fusion and multiple copy spell-out. In: CORVER, Norbert; NUNES, Jairo. *The copy theory of movement*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

KAYNE, Richard S. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.

MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. *U. Penn Working Papers in Linguistics*, v. 4.2, 1997.

MARTINS, Ana. Double realization of verbal copies in European Portuguese Emphatic affirmation. In: CORVER, Norbert; NUNES, Jairo. *The copy Theory of Movemen*t. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

MORAVCSIK, Edith. Reduplicative constructions. In: Greenberg, Joseph. (ed.), *Universals of human language*. Stanford: Stanford University, 1978.

NÓBREGA, Vitor. No escape from categorization: an insider's view of compounds. *Ilha do Desterro,* v. 73, n. 3, 2020.

NUNES, Jairo. *Linearization of chains and sideward movement*. Cambridge: MIT Press, 2004.

THORNTON, Anna. Italian Verb-Verb reduplicative Action Nouns. *Lingue e linguaggio*, v.7, 2008.

THORNTON, Anna. Italian verb reduplication between syntax and the lexicon. *Rivista di Linguistica, v*. 21, 2009.

TRAVIS, Lisa. 2001. The syntax of reduplication. In: KIM,Min-yoo; STRAUSS,Uri (eds.), *NELS 31: Proceedings of the 31st Annual Meeting of the North East Linguistic Society*. Amherst: GLSA Publications.